

EDITORIAL

O tema ecologia volta a frequentar esta revista após dez anos. Bíblia e ecologia foi o tema do número 38 em 1993. O tema, já mais do que oportuno naquele ano, revela-se de uma atualidade alarmante, na abordagem e no clamor da imprensa, dos órgãos nacionais e internacionais relacionados ao ambiente. Também a teologia tem-se ocupado nos últimos anos do ambiente. Assim foi o 21º Congresso Anual da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião em 2008, com o tema “Sustentabilidade da Vida e Espiritualidade”. Em 2011 o Fórum de Teologia e Libertação ocupou-se do tema “Nosso plano planeta nossa vida: ecologia e teologia”, em Belém do Pará, no contexto da Amazônia. A produção teológica e teológico-bíblica multiplica-se em nosso Continente e nos demais; visa não apenas o diagnóstico à luz das ciências, mas infundir orientações bíblico-teológicas e esperança.

Vive-se uma crise ecológica sem precedentes e cada vez mais clara. A ecologia vem vinculada estreitamente à economia. A Rio + 20 – “Conferência da ONU sobre o desenvolvimento sustentável” – em junho de 2012 substancialmente não passou de recomendações por parte dos governos, embora alguns países, com alternativas próprias, anteciparam-se aos pífios resultados. Desprezou-se a enorme mobilização popular e institucional internacional intensa, expressa nos Documentos finais da cúpula dos povos na Rio + 20 por justiça social e ambiental, em junho de 2012. Pela primeira vez o Fórum Econômico Mundial deteve-se nas questões ambientais entre os riscos globais, o que comprova a gravidade da atual situação. Mesmo assim o COP 18 no Qatar adiou o enfrentamento do problema climático, embora seja verdade que, apesar de falta de acordo global, alguns países avançam em leis sobre clima. O recente Fórum Social Mundial em Túnis exige a justiça climática e a segurança alimentar em confronto com o sistema capitalista. Os dados se multiplicam no consenso que é mais do que urgente uma mudança. Ao contrário da perplexidade paralisante, aguçaram-se a mobilização e os debates que confirmam uma prospectiva sombria e urgência de medidas impostergáveis.

Os artigos deste número expressam este contexto conjuntural e estrutural, e vão às suas causas, numa abordagem histórica, econômica, sociológica, política e cultural. Em diálogo hermenêutico com a Bíblia apontam críticas e alternativas, propostas desejáveis, viáveis e mesmo utópicas, sem perder o senso de realidade.

Klaus Raupp tem a intenção de abordar o desenvolvimento sustentável. Numa análise marxista, defende que não se pode garantir a sobrevivência do planeta sem a superação do capitalismo. Propõe ele uma “virada hermenêutica”, no alerta que é necessário inserir toda interpretação num contexto. A crise ambiental é uma crise conjuntural e estrutural do capitalismo que vive da destruição e do desperdício. Diante desta realidade, Raupp propõe a recuperação do eixo que liga o diálogo das origens, *dominai* (Gn 1,28) e o diálogo da despedida, *amai* (Jo 15,12), como primeiro e último mandatos por Deus. Seguindo Susin, defende que a espiritualidade é fundamental para a sustentabilidade, numa relação de alteridade, reciprocidade e maternidade como pessoas e em nossa criaturalidade com a natureza.

Norberto Garin focaliza a abordagem teológico-bíblica da água no Pentateuco, Profetas e Salmos. No contexto do povo bíblico do Antigo Testamento, a água foi percebida como dom e bênção de Javé, mas também foi motivo de descontentamento e de revolta. Constata-se que a água é vista como elemento de castigo e salvação por Deus. Hoje, de dom de Deus a água passa a *commodity*, privatizada. Garin pontua que: “Reagindo à tendência de privatizar aquilo que é bem de todos, dádiva de Deus, os participantes da Plenária 2, da Cúpula dos Povos, da Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio +20, realizada nos dias 17 e 18 de junho, reivindicaram o direito universal sobre a água que Javé faz brotar gratuitamente da rocha” e denunciam o capitalismo predador e a privatização e mercantização dos bens comuns, como a água.

Jair Carlesso aborda os relatos da criação de Gn 1 e 2 e os relaciona com seu respectivo contexto, babilônico e monárquico. Os textos descrevem poeticamente um acontecimento originário, apresentam o plano de Deus e apontam o que é essencial para a vida e as relações humanas. Com J. Moltmann, aponta que a situação atual está determinada “pela *crise ecológica* de toda a civilização técnico-científica e pelo *esgotamento da natureza* através da intervenção humana”. Os relatos da criação (Gn 1 e 2), nos contextos de suas origens, apresentaram-se como palavra de resistência e criadora de novas perspectivas de vida. Em 2,7, o homem foi feito da terra e, em 2,15, ele recebeu por missão “cultivar e guardar” o jardim (v. 15). Cuidar torna-se uma necessidade fundamental da vida.

Enquanto ser aberto à transcendência, portador do “hálito de vida” (Gn 2,7), o ser humano foi elevado à dignidade de “imagem e semelhança” de Deus (Gn 1,26). Na vida, o ser humano vem aberto à natureza, ao semelhante e a Deus. Para cada uma das dimensões decorre um apelo, implicando num cuidado especial a ser mantido. A partir do valor da vida humana, a sociedade deve organizar-se em todas as suas dimensões.

Flávio Schmitt propõe-se ao estudo da ecologia humana em Babel ao lado de uma rigorosa e fecunda exegese do texto da Torre de Babel. O texto trata de um recurso usado por Javé para anular a eficácia de um projeto megalomania-

co realizado e impedir que outros projetos desta natureza venham a existir, um contra mito em que os valores de seu equivalente na Babilônia são invertidos intencionalmente.

A partir deste texto, Schmitt aborda a “ecologia humana”. Esta vai além da variável ambiental e recebe aportes das diferentes áreas do conhecimento, tais como Antropologia, Geografia, Sociologia e Psicologia.

Gn 11,1-9 nos revela um projeto de sociedade humanamente insustentável. Gênesis 11, porém, revela um Deus partidário da liberdade e vida de suas criaturas. A intervenção de Javé parece fazer ecoar o grito daqueles que em nossos dias insistem em dizer que “um outro mundo é possível”, na afirmação da vida e sua diversidade.

Pedro Kramer expõe a origem e o processo de formação do Deuterônômio, entre outras questões preliminares sobre o Livro, para situar os textos de Dt 28,1-68 e Dt 20,19-20. Dt 29,1-14 elenca uma série de bênçãos para quando as relações com Deus, os seres humanos e a criação forem harmoniosas e humanas. Caso contrário, sucedem-se uma série de maldições, paralelas e ainda maiores do que as bênçãos, descritas em Dt 28,20-68, pondo em risco a sobrevivência do país. O texto Dt 20,19-20 proíbe terminantemente o barbarismo e o vandalismo bélico, muitas vezes aplicado aos bens e à população dos vencidos. O contexto refere-se provavelmente à dominação assíria, com Asaradon, quando se visa atrair os israelitas do Norte para a fidelidade a Javé em Jerusalém. O exagero nas afirmações visa mostrar as consequências de não seguir única e exclusivamente Javé.

Ildo Bohn Gass, partindo da proposta do bem-viver dos povos andinos, vai para o texto central do Sermão da Montanha de Mateus (Mt 6,19-34). Jesus propõe a busca do reinado de Deus e de sua justiça, enquanto projeto estrutural que garante dignidade para todas as pessoas. São dois caminhos que estão diante de nós. É o conflito permanente que vivemos entre seguir a economia individualista, fechada no egoísmo consumista, ou a economia solidária, aberta à partilha num estilo de vida simples, mas de muita dignidade. Para optar por esse projeto é preciso superar o sistema cuja meta é o acúmulo de dinheiro. E, para viver a nova justiça do reinado de Deus, faz-se necessário ter um coração novo e olhos são. Sua proposta de bem-viver busca a justiça nas relações entre as pessoas e com a natureza. No centro do texto consta que *Ninguém pode servir a dois senhores. Com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará o segundo. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro.* Com base neste texto central do Sermão da Montanha, Ildo propõe um consumo e produção sustentáveis e com base na vivência de formas de vida moderadas, com simplicidade, com o necessário para viver bem. Somente assim as gerações futuras poderão desfrutar de uma vida digna.

Flávio Oliveira apresenta o crescente volume da pesquisa nas relações entre Bíblia e ecologia dos dois lados do Atlântico. Como outros textos deste número,

parte de uma descrição da crise ecológica atual e das tentativas frustradas de enfrentá-la. Seu texto é uma proposta hermenêutica de teologia bíblica ecológica, mais especificamente paulina e narrativa, ligada a Rm 8,18-23 e Cl 1,15-20. Confrontam-se estes textos com Rm 1,18-32; 5-7 na abordagem pós-colonial da Bíblia. Adverte-se que a abordagem da ecologia na Bíblia e da Bíblia na ecologia enfrenta resistências de ambos os lados e pede uma hermenêutica adequada que respeite os dados das duas áreas. Para isto apresenta a proposta de “lentes” e “construtos” hermenêuticos. Deste enfoque emergem propostas para a atualidade, em conexão com as ciências ligadas ao ambiente, tais como ecologia, economia, política, sociologia, antropologia.

Nota-se que a temática em torno da ecologia é variada nos textos, enfoques e categorias de análise. Esta diversidade caracteriza a produção bíblica no Rio Grande do Sul e no Brasil em nossos dias.

Flavio Martinez de Oliveira